



3.3.11 • As incertezas da Europa • Instituições e realidades sociais

**A situação social da Europa: da era do social à lógica dos mercados**

António Norberto Rodrigues

A EUROPA CONSTITUIU-SE, nas últimas décadas, como um referencial de desenvolvimento para todos os países do mundo. Desenvolvimento medido pelas condições de vida e de trabalho, pelos sistemas de protecção social, pelo respeito pelos indivíduos e grupos, nas suas diferenças e aspirações e pelos valores da solidariedade e de cidadania. Estruturados em torno de um modelo social que valorizava a participação dos Estados, das empresas, das instituições sociais e dos parceiros sociais, os países construíram caminhos para um maior desenvolvimento que se pretendia sustentável e, ao mesmo tempo, coerente com a História, as realidades políticas, económicas, sociais e culturais de cada um dos seus países.

Nomeadamente a partir de 2008, constata-se o abrandamento progressivo deste caminho em favor de uma avaliação dos países centrada nas variáveis financeiras e nas relações com os mercados, em desfavor de critérios objectivos de análise dos seus indicadores políticos, económicos, sociais e culturais. Esta concepção tem levado à adopção de políticas, sem enquadramento numa estratégia consistente, unicamente centradas no equilíbrio das contas públicas. Sempre que se constata um desvio nos objectivos definidos, corta-se nas variáveis que podem ajudar a reequilibrar o *deficit* ou a dívida, sem equacionar o significado e as consequências dessas medidas, nomeadamente nas condições de vida e de trabalho dos cidadãos. A vida dos cidadãos passou a ser traduzida num conjunto de números que se manipulam para atingir os objectivos financeiros. Empobrecer passou a ser uma questão racional e estar desempregado um problema apenas para o equilíbrio das contas dos sistemas de segurança social.

A situação social da Europa e de cada um dos países que a constitui pode ser medida por um conjunto de indicadores que traduzem a situação

**ASCENSÃO E DECLÍNIO DA EUROPA SOCIAL**

A Europa construiu nas últimas décadas as bases de um desenvolvimento, com profundas vantagens competitivas e com consequências positivas ao nível económico, social e cultural. Estruturado em torno de um modelo social inclusivo, assente na participação dos Estados, das instituições sociais e dos parceiros sociais. Constituiu-se como um espaço de referência para todos os países do mundo.

A partir de 2008/2009, a opção por políticas liberais, assentes no equilíbrio das contas públicas, implicou a adopção de políticas de austeridade, com fortes consequências nas condições de vida e de trabalho dos seus cidadãos.

No fim de 2012 constata-se que são negativos os principais indicadores que caracterizam a situação social, principalmente nos países que estão em processo de ajustamento e equilíbrio das suas contas públicas. No mesmo sentido vai a percepção, por parte dos cidadãos, do clima social, quer na sua vertente de avaliação do país, quer na avaliação familiar e pessoal. Em ambas as análises, a situação social é mais negativa nos países que adoptaram políticas de austeridade, onde se percebem retrocessos na qualidade de vida e de trabalho e nas expectativas e perspectivas de futuro.

Avança-se com um modelo explicativo que pode sustentar as avaliações negativas constatadas ao nível do clima social, nos países europeus, incluindo Portugal.

económica, as condições de vida e de trabalho, o sistema de protecção social (pensões, desemprego, combate às desigualdades) e o acesso à saúde e à educação.

Olhando para os indicadores que configuram a situação social na Europa, pode verificar-se:

- a) Uma forte tendência de polarização na Europa a 27, com os riscos sociais a aumentar;
- b) A actividade económica e o emprego a decrescer, principalmente em Espanha, Portugal, Grécia, Bulgária e Chipre. A economia continua, no entanto, a crescer na Alemanha, França e Polónia;
- c) O rendimento bruto das famílias decresceu em dois terços dos países do euro. No último ano, 2012, a Itália tem registado um aumento acentuado das dificuldades financeiras, seguida pela Grécia, Irlanda, Chipre, Portugal e Espanha. Aumentou o número de famílias mais ricas;
- d) A pobreza infantil está a tornar-se um problema para um número crescente de famílias, resultando da conjunção de rendimentos do trabalho, cada vez mais baixos e de um apoio inadequado

das políticas públicas e das famílias;

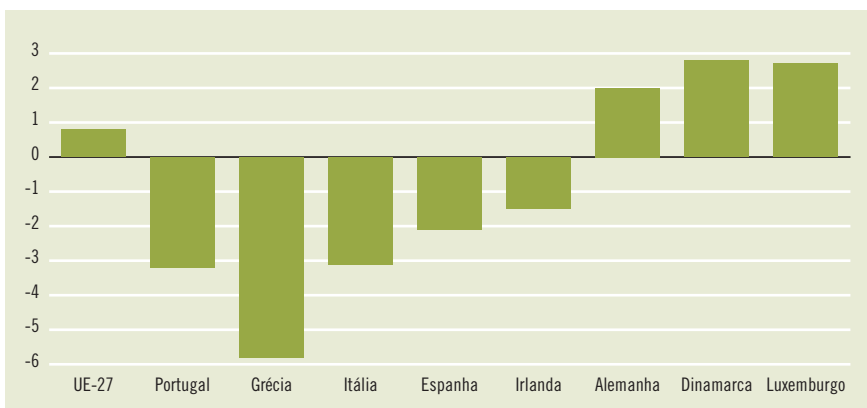
e) O indicador, porventura mais problemático, do ponto de vista da situação social, com 25.000.000 de desempregados (10,4% da força de trabalho). A taxa de desemprego aumentou em dezassete Estados-membros e as disparidades voltaram a alargar. Há agora uma diferença de 20,6% entre a taxa mais baixa da UE (Áustria, com 4,5%) e a mais elevada (Espanha, com 25,1%). Esta diferença é a maior desde que existem sistemas estatísticos para a cobertura deste fenómeno.

O desemprego de longa duração continua a crescer, atingindo os 10.700.000 no primeiro trimestre de 2012. O desemprego jovem chega aos 22,5% em Julho de 2012, com doze Estados-membros com taxas acima dos 25%.

f) O crescimento da produtividade na UE continuou a baixar no segundo trimestre de 2012.

Outra forma de olhar para a situação social real é através do clima social percebido pelos cidadãos da Europa. O índice de clima social é construído com base na análise das respostas de mais de 26.000 inquiridos dos 27 Estados-membros. O cidadão avalia a sua situação pessoal e a sua qualidade de vida, a situação do país, nomeadamente, a situação económica e o sistema geral de protecção social, incluindo as pensões, o desemprego e o combate às desigualdades. É realizado pelo Eurobarómetro, a pedido da Comissão Europeia.

Constata-se, pela análise do respectivo gráfico, que o clima social da União Europeia a 27 é de 0,8. A análise detalhada diz-nos que, no entanto, o clima social se deteriorou em doze Estados (nomeadamente, aqueles que estão hoje com políticas de reequilíbrio das contas públicas) e melhorou em catorze, tendo como referência o ano de 2009. Olhando para os resultados e comparando o grau de satisfação do clima social em 2009 com o de 2012 e em Portugal,



**Clima social.** Escala de -10 (nada satisfeito ou percepção muito negativa) a 10 (muito satisfeito ou percepção muito positiva). Fonte: Eurobarómetro 2012.



**Modelo explicativo da percepção do clima social.** Fonte: António Norberto Rodrigues.

vemos que esta diminuiu na situação do emprego (-1,6), do custo de vida (-5,8), da situação do país (-6,4), das políticas face à pobreza e às desigualdades (-3,6), da situação financeira do agregado (-2,1), da facilidade em pagar a casa (-5), do sistema de saúde (-1,9) e do funcionamento da Administração Pública (-3,9).

Podemos concluir, quer pelos indicadores estatísticos, quer pela opinião dos cidadãos, que os programas e as políticas que têm sido desenvolvidos para equilibrar as contas públicas têm tido um impacto muito negativo na situação social dos países e na percepção que os cidadãos têm dessa situação social e da sua situação concreta.

“  
**A vida dos cidadãos passou a ser traduzida num conjunto de números que se manipulam para atingir os objectivos financeiros. Empobrecer passou a ser uma questão racional e estar desempregado um problema apenas para o equilíbrio das contas dos sistemas de segurança social.**  
 ”

A austeridade, sem crescimento e emprego, tem desequilibrado os diversos sistemas sociais e impede a mobilização para novos projectos e a construção de imagens susceptíveis de alterarem as dinâmicas sociais criadas.

### O que leva os cidadãos a valorizarem o clima social?

Um conjunto de factores que designaremos por “modelos explicativos de percepção do clima social”, que pensamos poder contribuir para a insatisfação dos portugueses e dos cidadãos de outros países que sofrem processos de ajustamento ou políticas de austeridade, sem, em qualquer

dos casos, estarem a ser equacionadas políticas geradoras de crescimento e, potencialmente, de emprego.

- A percepção de que as políticas Europeias não são eficazes e não resolvem os seus problemas, quer pelos resultados alcançados, quer pela análise histórica das consequências das mesmas políticas (neoliberais), adoptadas em diferentes países do mundo, sem ancoragem nas realidades específicas (culturais, económicas, sociais ou políticas). E, por outro lado, associada à representação de não existência de lideranças Europeias reconhecidas socialmente e à avaliação das posições contraditórias e incoerentes dos principais actores europeus;

- A situação real das pessoas, traduzida em pobreza ou no abaixamento repentino de rendimentos e os discursos dominantes sobre a crise, nomeadamente a falta de uma estratégia governativa do desenvolvimento do país, não alimentam expectativas positivas e não criam imagens de futuro credíveis e motivadoras;

- A situação nas organizações alterou-se, fruto dos contextos económicos e políticos, pela alteração das leis laborais e pela pressão de uma imensa mole de desempregados angustiados pela necessidade de sobrevivência, estilçaram o equilíbrio as relações laborais, criando quadros de insegurança e de medo, contrários a qualquer lógica de estabilidade, produtividade e inovação;

- O desemprego e a possibilidade real de ficar sem trabalho constituem-se como um risco social fortíssimo, impedindo os indivíduos e as suas famílias de desenvolver qualquer projecto de vida consistente e com futuro e muito menos, num contexto de progressiva diminuição de consumo, qualquer actividade de “empreendedorismo”, solução “milagrosa”, várias vezes referenciada pelos membros do governo e pelos seus apoiantes como solução para a crise da economia e das famílias;

- A degradação da situação económica das famílias, colocando a maioria numa lógica de sobrevivência diária, impede a definição de qualquer outra prioridade de vida;

- O aumento da conflitualidade social, ao nível das empresas, ao nível das profissões e ao nível

social, tem vindo a criar cenários pessimistas do clima social. A conflitualidade ao nível das organizações e das empresas só não atinge proporções alarmantes pelo medo de, num contexto de ausência de emprego, perder o actual emprego, dada a maior flexibilidade das razões que podem fundamentar o despedimento;

- O aumento das dificuldades de acesso à Educação e à Saúde, motivadas pelos sucessivos cortes nos sectores, contribui para a diminuição do orçamento das famílias e inculca a perspectiva de que, em caso de necessidade ou problema, não haverá apoio por parte do Estado Social;

- A percepção dos erros na aplicação das políticas desenvolvidas e a sua inconsistência, assim como a fragilidade de quem governa, perspectivam maiores incertezas e problemas que não deixam de diminuir as expectativas de vida e alimentam comportamentos de defesa que, muitas vezes, contrariam as lógicas económicas puras.

### Conclusão

A situação social da Europa, nomeadamente dos países do Sul, tem vindo a regredir e a estilçar modos de entender e de viver a vida.

Aumento da pobreza, com principal realce para a pobreza infantil, redução drástica da classe média, conseguida pela diminuição dos rendimentos, aumento do tráfego migratório dos países do Sul para os do Norte.

As características do processo migratório em que o perfil de quem emigra é de grande qualificação, ajudam a criar ainda mais problemas de desenvolvimento dos países, fortalecendo as suas trajectórias de empobrecimento.

O ataque generalizado a tudo o que é público, ou seja, o Estado Social, apanágio das estratégias e práticas neoliberais, gerará maiores dificuldades aos que nada têm. Sem políticas concertadas de investimento e emprego, a Europa deixará de ser, a curto prazo, uma referência nos direitos humanos e nas práticas de cidadania. Voltaremos atrás... ■

### Referências

- EUROPEAN COMISSION — *EU Employment and Social Situation*. Quarterly Review, Setembro de 2012;
- RODRIGUES, Maria João — *The Debate Over Europe And The Lisbon Strategy for Growth and Jobs*. Background Paper, 2005, in [http://www.cnel.gov.pt/document/debate\\_over\\_emp.pdf](http://www.cnel.gov.pt/document/debate_over_emp.pdf)
- EUROPEAN COMISSION — *Social Climate, Special Eurobarometer 391*. Setembro de 2012, in [http://ec.europa.eu/public\\_opinioes/archives/ebs/ebs\\_391\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/public_opinioes/archives/ebs/ebs_391_en.pdf)